

O ALBUM CAXIENSE.

PERIODICO LITTERARIO, COMMERCIAL E RECREATIVO.

ANNO I.

CAXIAS 1.^a DE MARÇO DE 1862.

| N.^a 4.

ASSIGNATURAS	PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA.	ASSIGNATURAS
(dentro da Cidade.)	Suscreve-se na casa do redactor, bocca do thesoure, casa n., sendo as assignaturas pagas adiantadas.	(fora da Cidade.)
Por anno ... 8.000	Os annuncios para os assignantes <i>gratis</i> , e para os que não forem, conforme o ajuste.	Por anno ... 8.500
Por semestre. 4.000	Comunicados, correspondencias e outras publicações de interesse geral, gratuitas. Folha avulsa 200 rs.	Por semestre. 5.000
Por trimestre. 3.000		Por trimestre. 3.500

O ALBUM CAXIENSE.

CAXIAS 28 DE FEVEREIRO DE 1862.

Ha alguns annos que Caxias sofre uma verdadeira crise commercial, crise bem assustadora, e que só tem podido avaliar quem a conhece em outro tempo. Este estado desanimador, filho da irregularidade dos pagamentos do commercio de fora, como que vai melhorando, e tornando uma feição mais lisongeira e propensão. O commercio sertanejo também tem estacionado, porque com a falta de boas colheitas, todos mais ou menos sofreram prejuízos; e ainda não é tudo.

A moeda desapareceu como por encanto! A queixa era geral, e cada qual tinha motivos para ella. O ouro é o tudo; é a vida. Quando ha ouro, as produções avultão, o consumo é certo, o commercio toma incremento, porque também as mercadorias são mais procuradas. Não se julgue por isto, que o ouro faça com que a laboura aumente; mas entretanto é um garante para os lavradores, que, temendo qualquer crise, não querem expôr as suas poucas produções com depreciamento.

Esta verdade é tão reconhecida, que Hume, no seu *Ensaio sobre o dinheiro*, observa que em cada paiz em que aumenta o gyro do numerario tudo toma nova physiognomia. Reanimão-se os trabalhos da industria, o negociante torna-se mais emprededor, o fabricante mais perito e o agricultor mais zeloso no movimento da charrua.

Alem de Hume temos mais o celebre Huskisson, que constatou a acção dos metais preciosos na industria humana, o influxo que devia assegurar-lhe o accrescimo da produção das minas, o espirito de iu-

venção e de empreza, que dari devia resultar, ao passo que uma diminuição nessa receita devia trazer efeitos contrários.

Não é possível negar o que a experiência está mostrando todos os dias. A falta do dinheiro faz girar todo este maquinismo, que serve para promover as riquezas; e o dinheiro a sua mola real e principal, e sem a qual é impossível fazer girar as maes.

Eis porque nesta cidade esmoreceu o commercio, e estacou a industria; a laboura foi minguando e o dinheiro desapareceu pouco a pouco, até o ponto de dificultar-se a compra em razão da dificuldade do troco.

Foi a época da crise!

Felizmente que o numerario ja vai circulando, e fazendo nascer esperanças nos corações de todos. Do sertão ja tem afliuido os consumidores, e as produções vão aparecendo.

Caxias, o emporio do commercio central de toda a província, ainda está um pouco atrasada em suas relações commerciais. As empresas, que reclamão coragem, ainda não são abraçadas pelas comerciantes, que receiam qualquer eventualidade; se não fôr este temor, seria Caxias o lugar mais importante da província em relação mesmo a capital, pois que é d'onde saem as produções abundantes, maior somma de numerario, e onde se consome talvez (salvo o erro) um quarto ou um terço das mercadorias, que são importadas do estrangeiro.

A primeira vista não ha quem possa dizer, que Caxias seja um lugar tão importante. Quem ignorar o que ella remete para a capital e o que dali recebe, não poderá avaliar, principalmente em presença da pouca animação, que apparentemente apresenta o seu commercio.

Uma cousa (que para alguns comerciantes vale nada) talvez concorra grandemente para dar-lhe vida e animação, e é o anuncio das diferentes mercadorias, que cada um tem à venda. Bem se sabe que pode haver nesta ou naquela loja tal ou qual objecto de que se precisa, sem ser necessário fazer-se anuncios; mas estes como que despertam a vontade dos compradores, e chamam a sua atenção para ali. Ou não ha gosto, ou ha erro de cálculo; em ambos os casos o comerciante faz mal, porque priva deste modo a generalização de ideias, que muito poderão concorrer para o desenvolvimento do commercio, uma das três principais classes de que dependem a prosperidade e o engrandecimento de qualquer lugar.

O CALOTEIRO.

(Continuado do n.º 3.)

O assumpto de que nos temos ocupado em os dous numeros anteriores é, além de melindroso de summa importância, pois que, abrangendo a sociedade, vai buscar para objecto os mesmos membros que a compõem. E com quanto não nos tenhamos estendido bastante sobre o quadro de tantos ligurinos, todavia tememos que ja o nosso pobre individuo tenha sido esmagado; embora porem tanta perigos nos appareça, não obstante as muitas dificuldades, que se nos apresentem, trabalharemos para superar estes obstáculos por amor da verdade, que é a unica digna de tão grandes sacrifícios.

Tendo escrito algumas poucas palavras sobre os caloteiros em geral, e descendo até a descrição de alguns caracteres, para melhor desenvolvimento da matéria, também fizemos o nosso proprio retrato; e, sendo assim, como poderemos ser censurado, quando vamos falando sempre em geral? Quem anda aos porcos em toda moita lhe ronca ou grunhem: é o risão dos nossos sabios antepassados, que se dedicaram ao estudo dos homens por prazer, e não por interesse proprio. Ora pois aquelles, que teem lido os nossos escriptos sobre os caloteiros, e não teem gostado, não continuem a lê-los, porque é o melhor remedio para não terem raiva; quanto a dizer verdades continuaremos, pois que é uma nobre missão. Não abusaremos, o que não será pouco; por tanto vamos prosseguir em nosso trabalho.

Dissemos que ha caloteiros em todas as classes da sociedade: é verdade. Já provamos que entre os fidalgos se encon-

trão membros desta familia numerosa, bem como entre os plebeos; apresentamo-los na classe dos empregados publicos, e isto em linguagem corrente. Se percorreremos as outras classes ali ainda depararemos com elles, posto que trajando outras vestes, e por consequencia como uma nova especie. Entre os negociantes encontra-se tambem, mas trilhando ja um caminho muito diferente.

Por exemplo: o negociante, que se dá por fallido hoje, entrega os restos do que possuio aos credores, e amanhã reapparece na sociedade negociando, ja d'uma maneira ja d'outra, ou sob a firma d'um amigo.... não será caloteiro? certo que é, e tão caloteiro como os outros, pois que não pagou, porque não quiz. O que quer dizer: estou fallido, não posso pagar, e d'ahi a pouco apresentar-se em estado de negociar novamente?

Havíamos prometido em o numero passado ampliar mais esta materia, e dar-lhe mais algum desenvolvimento; porem seria enfadonho querer levar mais adiante o esboço começado; demais todos sabem pouco mais ou menos o que são caloteiros, e quais as classes, ou melhor o carácter delles; e, sendo assim, é mais conveniente não tratar deste assumpto por em quanto, afim de não tornar-se fastidioso.

Antes de concluir pedimos aos nossos leitores, que relate-nos qualquer palavra menos conveniente, da qual por ventura nos tenhamos servido, certos de que não tivemos intenção d'offender a quem quer que seja. Desejariamos poder escrever os nossos mal alinhavados artigos sem ferir nem de leve a qualquer pessoa; mas o que não podemos conseguir dos nossos poucos conhecimentos, conseguimos da nossa consciencia, pois que estamos convencido d'haver levado á effeito o nosso propósito.

Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V.—por José Maria de Andrade Ferreira.

Colocar ao lado da noção de direito a noção do dever, é a tarefa d'aqueles a' quem cabe a missão de solidificar o edifício que a revolução social fundou.

D. PEDRO V, allocução feita na escola polytechnica por occasião da sessão solemne de 1857.

I.

Tem-se ordinariamente por grande temeridade o escrever de principes, logo depois da sua morte. A sombra dos orgulhos huma-

nos parece assentar-se ainda ao lado do mausoléu, que as pompas do mundo e os privilégios de nascimento, como a derradeira das vaidades, accordaram em erigir-lhes; o incenso dos lisongeiros e a inveja dos homens seguiam de certo de perto o mesmo prestito fúnebre, que leva á ultima morada esses entes coroados pelas mãos da fortuna ou pelos direitos do sangue. Tudo é contradição, tudo é mentira em roda delles, ainda mesmo nessas horas supremas, em que os arminhos e purpuras da realeza não cobrem ja senão as cinzas do que fôra homem. O prestígio do que foi grande como que ainda põe medo aos falsos amigos para os obrigar a panegyricos e encarecimentos; e o receio de que aqueles restos inanimados comandem ainda d'até o sepulcro só com o respeito que ficará da sua voz, enraivece os detractores, que se desforam em deturpar com aleivos a memória do que os fizera rojar em quanto vivo.

Porem tudo isto se dá com principes que deixam após si, como resquício da natureza de seu carácter, sentimentos e recordações contraditorias, de cujo antagonismo seja difícil extrahir elogio completo ou condenação cabal. Mas tratando de se apreciar em D. Pedro V, tanto o homem como o soberano, acabaram-se as hisitações do escritor: não ha que interpretar. O labirinto de juízos variados que tem por costume enredar-se atraç dos últimos passos dos principes, e confundirem todo o desejo de analyse sincera a respeito de suas ações, converte-se desta vez em bem facil e acorde apreciação. Do lado do príncipe não houve senão um fato constante, fato que as condições do seu carácter exageram de certo, e foram talvez a causa indirecta da sua morte. O empenho de tornar o *officio do rei* tarefa de prosperidade para o seu povo, foi esse fato. Nobre fato que resume os deveres e as virtudes de um reinado! Assim, da parte de D. Pedro V, solicitude, dedicação e sacrifício, e da parte dos portugueses, amor, reconhecimento e saudade, renmem os elementos moraes deste período tão infastamente terminado.

II.

O que vai ler-se não é nem apologia de um príncipe, nem a analyse política de um reinado, nem a narrativa cronológica dos actos públicos que ordinariamente costumam consubstanciar e caracterizar a vida dos soberanos; o que vai ler-se participa de tudo isto, mas parte de princípios diversos, porque os seus intuito são mui dife-

rentes. O meu fim, traçando estas linhas ao correr da pena, não é apparelhar um trabalho subsidiário para a história de Portugal destes últimos seis annos; o meu fim é estudar o carácter de um príncipe, e procurar nas singularíssimas qualidades que o compõem a interpretação das circunstâncias do seu destino.

E' antes o homem que o rei, que vou observar; mas como o homem foi rei, o que importa dizer que os seus pensamentos influiram nas relações sociais de um povo, é indispensável que venha o quadro dos nossos sucessos públicos agrupar-se-lhe em torno, e que dos seus accidentes, uns irremediavelmente funestos, outros apenas lastimáveis, se tirem as causas do desenvolvimento, e de certo também da exacerbção dos phenomenos moraes daquelle carácter.

— E' um retrato moral, e não a enumeração dos sucessos de uma época.

Muitas vezes, para este fim, teremos de penetrar na intimidade do gabinete do soberano, segui-lo á elle no seu viver quotidiano e familiar, surpreendê-lo nos segredos das suas confidencias, se não expansivas, mas sinceras, e ir procurar até a origem e a explicação das leves imperfeições do seu carácter, ou antes dos inocentes erros do seu espírito, nos preconceitos da educação da criança; tuas isto fará, acompanhado sempre da consideração e do respeito, para com esses puros e inofensivos segredos do lar, e muitas vezes com as lágrimas nos olhos, por ver que não bastaram nem as lições da vontade firme de sua mãe, que as teve, e traduzidas em testemunhos de bem conhecida intrepidez, nem os exemplos da história, nem os conselhos da philosophia, à que não era estranho, para lhe fugirem do animo as superstíciones do infortúnio.

E é este exatamente o ponto, onde residia o maior defeito de carácter do rei defunto, e donde ao mesmo tempo derivou a sua mais notável virtude; porque do fatal convencimento da sua desventura resultaram as irresoluções e tristezas, que lhe enchiham de sombras todas as horas da existência, e isto é sempre um defeito, porque é uma molestia do espírito; mas, convencido do influxo da sua má estrela, o malogrado príncipe não quis lutar com a sua sorte, recelando que dessa porsia brotassem ainda piores males para o paiz e para os seus, que lhe eram tão charos; preferiu antes morrer; debrou a cabeça, e depôz á beira do sepulcro o manto e a corda dos reis, escolhendo a tranquilidade da vida eterna. A isto chama-se abnegação, sacrifício que, neste caso, importa a renúncia dos maiores bens da terra. Mas D. Pedro V mostrou-se só christão: ante si

via descerrar-se lhe a bemaventurança, e entre o prêmio dos escolhidos de Deus, e as desditas do mundo, preferiu soltar-se dos apertados laços da vida terrena, e voar para o lado da mãe e da esposa.

Sublime e pura convicção!

Resignemo-nos, e admiremos este heroísmo digno dos antigos martyres, em annos tão verdes, e cercados de tantas e tão deslumbrantes seduções do mundo!

(Continua.)

VARIÉDADES.

PACIENCIA INGLEZA.

N'um dia de outubro de 1849, lord Bridx alugou em Londres um carrogem, e dirigiu-se para as margens do Tamisa, onde devia embarcar para a ilha de Wight. — Espera-me ahi, disse ao cocheiro, e dirigiu-se para o navio. Este ia a sair naquelle instante e lord Bridx não teve tempo p. a despedir o cocheiro, o qual alugou o terreno em que se achava a carroagem, construiu ahi uma barraca de madeira para os seus cavallos e para elle, e passou ali varios meses.

No mez de Outubro de 1850, lord Bridx regressou a Londres, sem se lembrar nem remotamente das circunstancias da sua precipitada partida; quando recebeu uma citação para pagar ao cocheiro 700 libras esterlinas pelo aluguer da carroagem por um anno.

Levantou-se sobre isto uma questão judicial, que durou onze annos, e os tribunais acabam de julgar o lord condenando-o a pagar aquella quantia.

LONGO QUARTO DE SENTINELA.

Em 1807 o marchal Davonst occupava uma parte da Pomerania até a ilha de Rugen, onde collocaram um destacamento. Este recebeu ordem de evacuar a ilha, e retirando-se com precipitação, deixou ahi, por esquecimento, uma sentinelha. O pobre soldado farto-se de passear por muitas horas, até que, perdendo a paciencia, correu ao corpo da guarda: achou o deserto, os seus camaradas haviam embarcado, e o misero, vendo-se só, ficou inconsolável, porque, além do abandono, receou ser considerado desertor no seu regimento.

Poi para a cidade, e contou a sua história a um homem honrado, que o consolou e o tomou a seu serviço. Com o tempo estreitaram-se as suas relações, e o soldado veio a casar com a filha do dono da casa.

Decorriam cinco annos. Uma certa manhã apareceu uma frota no canal, e a

noticia correu de que eram os franceses que aportavam a ilha.

— Estou perdido! exclamou o soldado, vão prender-me como desertor!

Depois acede-lhe uma inspiração: Veste o seu uniforme, pega na espingarda, e corre para o ponto onde cinco annos antes os seus compatriotas o tinham abandonado.

Os franceses desembarcaram.

— Quem vive! grita o soldado.

— Francez? — responde um oficial. — Que fazes vós aqui?

— Estou de sentinelha.

— De sentinelha! Desde quando?

— Desde 1807.

O oficial fica admirado, o soldado expliça-se, e contado o caso ao almirante, este riu as gargalhadas, e mandou imediatamente passar uma baixa em forma ao nosso homem, que esteve de sentinelha desde 1807 ate 1812.

Festava situada perto de Zurich a fortaleza dos condes de Taggenburg. Commetten, um delles, um crime, do qual se falou por muito tempo. Casou com uma donzella, angelica e linda como os anjos. Deixou ella, um dia, cabir por acaso, o anel nupcial. Toma-o no bico um corvo e leva-o fora do castello. Encontra-o um dos escudeiros do conde, e põem-o no dedo. Ve-o o conde, e, n'um frenético transporte de delírio, agarra sua mulher e lança-a do alto da muralha, e manda arrastar o escudeiro seu camarada á cauda do cavalo. A jovem condessa não morrendo de semelhante queda, retirou-se para um convento. Tentando debaixo seu cruel esposo chegar perto dela, acabou a vida cheio dos mais pungentes remorsos.

(Extr.)

ANNUNCIO.

— VENDE-SE por preço commodo uma data de terras, com duas leguas de comprido e uma de largo, na comarca do Brejo, que se acha registada. As ditas terras são proprias e mui excellentes para mandioca, algodão, canna, para crear gados vaccum e cavalar; tem muito bons lugares para soltas, e um grande riacho permanente no lugar denominado Mangabeira.

As pessoas que se pretendem quererão dirigir-se á esta typographia, que se-lhes-dirá com quem devem tratar.

Caxias, 28 de Fevereiro de 1862. — 1

Caxias, Typ. do Pharol — impresso por Antonio da Costa Neves — 1862.

O ALBUM CAXIENSE.

PERIODICO LITTERARIO, COMMERCIAL E RECREATIVO.

ANNO I. |

CAXIAS, 27 DE SETEMBRO DE 1862.

| N.º 23.

ASSIGNATURAS	PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA.	ASSIGNATURAS
(dentro da Cidade.)	Subcreve-se na casa do redactor, bistro do tesouro, casa n., sendo as assignaturas pagas adiantadas.	(fora da Cidade.)
Por anno ... 8.000	Os annuncios para os assinantes gratis, e para os que não forem, conforme o ajuste.	Por anno ... 8.500
Por semestre 4.500	Comunicados, correspondencias e outras publicações de interesse geral, gratuitas. Folha aviso 200 rs.	Por semestre. 5.000
Por trimestre. 3.500		Por trimestre. 3.500

Desculpa.

Bem à nosso pesar tem deixado de sair regularmente a nossa folha, como era de costume; mas esperamos que os nossos leitores nos desculpem, sabendo que o motivo desta falta foi a molestia, que nos tem obrigado a guardar a cama muitos dias.

O ALBUM CAXIENSE.

CAXIAS, 24 DE SETEMBRO DE 1862.

Assusta-nos sobremodo o preço porque se está vendendo o algodão nesta cidade. É quasi impossível que não se dê algum prejuízo, que talvez tarde se venha a lamentar sem remedio. Não ha calculo, pelo que vemos e observamos, na compra, que fazem os Srs. Commerciais d'aqui: relevem-nos a franqueza com que lhes fallamos; nem sempre as crises no commercio são duradouras, e por isso é preciso haver muito teto, quando se arrisca capitais que, podendo produzir muito ou mesmo proporcionalmente, sendo bem empregados e em tempo opportuno, ao contrario nada produzem ou apenas servem para accarretar mil prejuízos aos que os empregaram.

O preço fabuloso porq' actualmente se vende aqui o algodão (15.000 reis e mais !) não traz senão desvantagem ao commercio, fiquem certos disto aquelles que traficão neste gênero. Taxar-nos hão de ignorante e estúpido, quando fallamos nesta matéria, em que somos zero; embora; aceitamos o epitheto, mas dissemos o que a nossa fraca razão nos dita, e

comparando o que se passa agora com o que ja se tem passado em outros tempos de crises semelhantes.

Quem poderá assegurar-nos que, na praça do commercio, para onde é enviado todo o algodão aqui comprado, será elle bem reputado, e vendido por um preço, que possa dar interesse ao vendedor, tendo-o comprado á 15.000 reis e mais a arroba? Não estamos vendo quotidianamente as alterações que ha em todos os preços nos mercados? Não será uma verdade de primeira intuição? Não se diga q' será um phänomeno, nem que só por infelicidade poderá isto suceder; ao contrario, será muito natural uma alteração qualquer para mais ou para menos.

Todos dizem: a alteração só poderá ser para mais; e, para assim pensarem, só argumentam com a guerra da America. Oh! que argumento infallivel! seria preciso que a guerra fosse eterna, ou pelo menos que houvesse probabilidade de durar muito. Ainda assim não era para arriscar os capitais sem calculo algum; quanto mais que ha toda a probabilidade de concluir-se essa guerra, que, á principio, apresentava um aspecto assustador, e hoje, segundo o estado das cousas, não deverá subsistir por muito tempo.

Díramo agora: mais una usneira, para se juntar á primeira. Aceitamos o gracejo, mas cremos que não nos afastamos muito da verdade, segundo as ultimas notícias, que lemos; e, em ultima analyse, ou nos enganamos redondamente, ou então verificar-se-ha em breve o que havemos anunciado. Se no primeiro caso, talvez que o algodão conserve o bom preço porque está, (o que ainda tem seus quês) se no segundo, é certissimo o prejuízo.

Resta ainda fazer algumas observações. A America não é a unica parte do mundo, que fornece o algodão; além de outras, acres-

ce que, segundo as notícias, a China vai abrir ou já abriu e franqueou os seus portos ao comércio. Sabem por ventura o que por lá haverá?

Agora permita-se-nos uma hypothese:

Suponhamos que neste país, até hoje vedado ao comércio do mundo, agora, depois de franqueados os seus portos, apresente um mercado abundantíssimo de algodão e de boa qualidade, cuja quantidade só se possa avaliar depois de vista: suponhamos que assim suceda, o q' se a verá esperar? a conservação do alto preço neste gênero? não; logo aquelles que ainda não tiverem arrebatado os lucros, que esperavam, terão de vender o seu algodão pelo preço do mercado, e perderão. Mas, insistirão alguns teimosos, pode-se esperar. Sim; nós também diremos: pode-se esperar; e depois? vender-se-há, qu'undo tornar a subir o preço, e assim será resarcido o prejuízo, acrescentarão.

Muito bem: demos de bafio que assim aconteça (fallando em grandes capitalistas, que podem, empatar os seus capitais sem grande desfalque), e que la venha um tempo feliz (q' infeliz, que é o melhor), em que o preço do algodão cresça; chegou o tempo, vendendo-se o gênero por mais do q' se comprou, descontaram-se as comissões & ficou interesse. Perguntamos agora: e o dano proveniente do empate dos capitais? é preciso que não se considere lucro somente o que proveio da venda do gênero por preço maior do que foi comprada; é necessário que este lucro seja tal, que chegue para isto, e ainda mais para cobrir o dano proveniente do empate dos capitais.

E' preciso que este lucro compense uma cousa e outra, para assim se fazer um cálculo exacto; sem isto não se pode dizer: eu lucrei, importando-se pouco com os interesses, que poderiam trazer os mesmos capitais, se tivessem sido empregados com prudencia, avaliando-se o tempo e as circunstacias d'então.

Ora isto é pelo que respeita aos grandes capitalistas, que possuem sommas disponíveis, e que, arredadas do gyro do comércio, não desfaçam os seus fundos. Provado se acha, que estes mesmos serão prejudicados e muito prejudicados; isto é incontestavelmente certo.

Applicando pois o argumento aos q' comércio com poucos fundos, o q' poderemos dizer? a conclusão mais rigorosa e a mais lógica será esta: ficarão fallidos, ou pelo menos ficarão de rastos, porque o seu prejuízo irá muito além d'um prejuízo ordinário; não ficarão só prejudicados na compra, que fizeram, ficarão também nos fundos com que girão, de sorte que com bastante dificuldade poderão equilibrar-se.

Não se chame isto um quadro exagerado; não se diga que estamos tomando a navem por Juno, ou que avistamos uma baléa, onde há apenas uma sardinha ou cousa ainda menor. Não queremos amedrontar, ou interromper os negociantes desta cidade nas suas compras, pois não temos interesse em fazê-lo senão pelo que respeita ao bem seu e do público em geral.

Cada qual que imparcialmente e com reflexão ponderar bem nesta matéria encherá o mesmo que nós, embora não tenha noção alguma de cálculo, e nem se quer um resquício d'experience. Não é preciso aprofundar muito a questão para se tirar a consequência, que tiramos: pois salta aos olhos o resultado pouco mais ou menos. Refletão bem os comerciantes, calculem com mais exactidão, e chamem em seu auxílio a sá rasa, que verão a verdade nua e crua.

De mais: não é só por este lado q' os comerciantes devem abandonar este modo de comprar algodão por tão alto preço, sem certeza de bom resultado. Fazendo bem aos vendedores, prejudicando-se reciprocamente, querendo cada qual ter a preferencia; de sorte que neste afan não considerão, que estão cavando para si mesmos um abysso insondável. Não consiste o cálculo somente em dizer: —aproveitemos o bom preço, e compre-se a maior porção d'algodão, que for possível, ainda que seja por preço mais exorbitante. Não se cure somente do presente; o futuro merece-nos muita atenção.

O algodão oferece hoje tantas e tão grandes vantagens. Pois bem; o estrangeiro não olha a exorbitância do preço, e compra tudo para os trabalhos de suas fábricas. Atendendo às despesas que faz, elle por sua vez virá á nós com a sua indústria, e teremos de pagar também conforme a sua exigência; e não ficará só nisto. Elle apresentará as suas fazendas por alto preço, mas estas fazendas não serão boas, porque, segundo o que sempre sucede em casos idênticos, quanto maior é o preço pior é o gênero. Não devia ser assim, mas é; pois durante as necessidades tudo se vê assim transformado, e, em quanto elas subsistem, vão sempre perdendo as coisas, até que chegue o *satis est*, que a mesma regularidade impõe à irregularidade.

Chegando pois a este ponto, tudo cessa como por encanto; mas então começa-se a respirar, toma-se follego, e todos dizem: *estamos saímos, passou a crise*.

Agora examine-se o que se fez; avalie-se os prejuízos sofridos; contrabalance-se a receita com a despesa, e ver-se-há á quanto monta todo o perdido. Existe um *deficit*, que só muitos anos de trabalho insano poderão fazer esquecer, porém jamais cobrir.

Eis-aqui em bem pequeno esboço o que

por fim resultará da crise porque estamos passando acerca do algodão, crise que tanto mais assustadora se vai tornando, à vista da altura do preço a que se está elevando. Por ora nada é em prejuízo nosso, mas logo será.

E quanto aos Srs. comerciantes desta cidade, que, para terem preferencia nas compras, se vão prejudicando mutuamente, dando mais um tanto sobre o preço, que outro oferece, podemos quase asseverar, que, com poucas exceções, terão de arrepender-se.

Deus queira que assim não succeda; nós o desejamos de muito bom coração, porque também não ignoramos, que os atraços no comércio de qualquer localidade recaem todos sobre seus habitantes.

Finalmente pedimos que, pondo todos de parte a nossa ignorância em matéria de comércio, reflitão com maturidade no que acabamos de escrever. Concluimos dizendo, que o comércio, para ser vantajoso, deve ser feito cuidadosamente e com prudência, porq' d'outro modo só trara aos que nello traficão desgostos, vexames, desesperações, e por ultimo a perda irreparável, consequencia infalível do que se faz sem auxílio da boa razão e da experiência.

NOTICIARIO.

Festa de N. S. do Rosário. Tera lugar esta festividade no dia 5 do vindouro mês; as novenas começaram hontem.

Carta anonyma. Pediremos apresentar aos nossos leitores o que se nos diz em uma carta anonyma, que nos foi dirigida com data de 13 do corrente; como porém o seu autor afirma certos factos, dizendo que está pronto a provar, esperamos que nos declare o seu nome, para que a redacção do Album não carregue com a responsabilidade de tal afirmação.

Quando em o n.º passado tratamos d'uma carta anonyma, não foi porque lhe dessemos inteiro crédito, mas sim porque alguns indivíduos nos asseveraram o que então publicamos: quanto à esta outra não succede o mesmo, e até, para dizer a verdade, já nos afirmaram o contrario do que nos escreve o anonymo.

Nos jornais vindos ultimamente nada encontramos de importante à respeito das notícias do sul do imperio; quanto às da Europa não publicamos por falta de espaço.

O Sra. Giuseppe Wander forneceu-nos, em a noite de 24 do corrente, um bello divertimento de fisica e gymnastica na casa da Câmara (divertimento particular); o que desempenhou foi pouco, é verdade, mas fô-lo com bastante desembaraço, e mostrou que era

senhor da sua arte: todas as pessoas que estiveram presentes ficaram satisfeitas.

Consta-nos que continuará a dar espectáculos, mas no theatro, para o que já se está preparando. Fala muito da perícia do Sr. Wander, principalmente na gymnastica, podemos porem asseverar que, se desempenhar como começou, e para melhor, como é natural, teremos de passar bellas horas de divertimento. Dizem que uma moça, que acompanha o Sra. Wander, também trabalha excellentemente; ainda a não viam, mas cremos q' é verdadeiro o boato, pois que algumas pessoas no-lo tem afirmado. Veremos.

VARIÉDADE.

Um sympathico oficial de um dos corpos da guarnição de Lisboa, o qual habita em um quarto da baixa com seu camarada, fôra convidado para jantar à casa de uma ilustra aristocrata, que tem o seu palacio nas Janellas Verdes. Uma exigencia inesperada do serviço prohibiu no dia agradar o oficial, que é o major F., de assistir ao jantar da interessante fidalga. Para motivar a falta, escreveu uma espirituosa carta à sua dona. Como o serviço reservava pouco depois do jantar, elle entregou a carta ao seu impedido, dizendo-lhe:

— Leva esta carta à casa da Exm. Sra. D. M..., às Janellas Verdes, e traz-me o jantar.

O soldado partiu satisfeito por ter de cumprir tão importante missão.

Oras, o major costuma mandar buscar o seu jantar no Matto.

O soldado chegou ao palacio da Sra. de M... A missiva foi recebida por uma das aias, que, passados 5 minutos, lhe trouxe esta resposta verbal.

— S. Exe. sente que o Sr. major F. não pudesse aceitar o seu convite.

— Sim, replicou o soldado com o ar solene de um embaixador fiel à sua missão; mas o major ordenou-mo imperiosamente de lho levar o jantar.

A aia sorriu-se, mas correu a levar esta replica à Sra. de M. Esta percebe que nisto havia um engraçado equívoco; mas, sem trair a sua seriedade, ordenou que se colocasse em um grande cabaz um magnifico jantar, o qual foi confiado aos robustos homens do camarada, que, alegre e satisfeito de tão bem desempenhar a sua missão, chegou à casa.

O major ao primeiro relancear conheceu

Logo que aquelle festim de Balthazar, sem depreciar o mérito do Matta, não vinha d'ali. O soldado referiu-lhe todos os promotores da sua missão. Mas com o modo tão ingênuo e simples que o illustre militar, longe de o castigar, soltou uma gargalhada homérica, e mandou convidar douz collégas para juntos devorarem este banquete de Lucullo.

Todavia, antes de sentar-se á mesa, como conhecera o carácter jovial e benevolente da espumosa fidalga, quiz fazer-se representar no jantar do palacio por um desses magníficos manjares, que são os títulos de glória do Matta, e ordenou ao camarada de lho ir comprar ate no preço de 50.

O soldado, julgando-se em phase de felicidade, não correu, voou ao Matta; comprou o manjar, o mais veloz que o mensageiro dos dioses pagões chegou á casa da Sra. de M., e entregou o presente á sia e tomou um ar grave e altivo p.á receber a resposta.

— Dá dez tostões á esse bocô rapaz, disse a fidalga á sua sia, que se apresentou em lhe dar tal recompensa.

O soldado olhou as meias cordas com sorriso malevolio e exclamou :

— Perdão, menina, o manjar custou reis 5000 !

— Dá-lhe os 45 que saltão, concluiu a formosa dama, saltando uma gargalhada harmoniosa.

Estava o major á mesa quando chegou o camarada, que, pondo com ufania o dinheiro sobre a mesa, disse:

— Prompto, meu major; a Sra. de M. queria só dar-me dez tostões, mas eu não quis aceitar se não o dinheiro todo, porque não gosto que devão cosa alguma á V.S. Creio que andei perfeitamente.

E dando meia volta à direita saiu, dizendo consigo : — Se desenpenho assim mais tres incumbencias, dentro em pouco estou alforre.

O major ficou desapontado, quando à noite se dirigiu á casa da Sra. de M., e q' foi recebido na sala por um diluvio de engracados epigrammas á propósito do episódio : — Recebera 5000 e um jantar como castigo de haver saltado á um compromisso com uma dama apreciável.

(Do C. Mercantil.)

OBITUARIO.

CEMITERIO DE S. BENEDICTO.

- Agosto. 3 Senhorinha Maria de Moraes, 35 annos, Caxias, febres.
 4 Bernabé Antonio dos Santos, 40 annos, Caxias, molestia interior.
 6 Benedicto, 7 dias, Caxias, espasmo.
 11 Benedicta, 8 dias, Caxias, setenna.
 12 Candida Umbelina de Lacerda, 40 annos, Bahia, hydropepsia.
 15 Savianna, escrava do tenente Cândido Paulo de Mesquita, 30 annos, Caxias, catarro pulmario.
 16 Joaquina Rosa Baptista, 25 annos, Caxias, febres, indigente.
 16 João da Silva Ferreira, 61 annos, Portugal, molestia de figado.
 18 Rosa, 4 meses, Caxias, febres.
 " Severa, 12 meses, Caxias, febres.
 25 Filomena, 10 annos, Caxias, febres.
 28 Anna Thereza da Silva, 66 annos, Bahia, pleuris.
 30 Amador, 90 annos, África, molestia interior.

ANNUNCIO.

De ordem da mesa administrativa da Irmandade de N. S. dos Remedios se faz publico, que está designado o dia 4º de novembro proximo para a festividate de N. S. dos Remedios, que sera feita com vespertas, missa solemne, sermão, e te-deum, com exposição do S. S. Para tornar-se mais aparatoso esta festividate, são convidados todos os devotos a comparecerem no Templo e assistirem aos actos religiosos. Na véspera e dia haverá leilão, como é costume, em beneficio das obras da Igreja: aos devotos de N. S. dos Remedios se pede para concorrerem com suas joias e comparecerem no leilão, tornando-o mais rendoso em proveito do culto. Caxias, 10 de Setembro de 1862.

O Procurador.
 Pereira dos Santos.

Caxias, Typ.—Independente—Impresso por Antonio da Costa Neves.—1862.